

Guerrilha em foco: o uso da mídia como tática de difusão do movimento em Chiapas.

José Gaspar Bisco Junior
Mestrando – UFJF

Nós zapatistas nos vemos como um sintoma de algo maior e mais geral que está acontecendo em todos os continentes, onde muitos dizem, ou gostariam de dizer “YA BASTA!”.

Subcomandante Marcos¹.

O ano de 1994 foi marcante para a vida política e para a História do México. O surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional para os olhos do mundo gerou uma situação de desconforto para o governo Mexicano que procurava mostrar um país próspero e democrático. O colapso para a economia Mexicana causado naquele ano foi apenas o início de todo um processo envolvendo a população Mexicana.

Desde a revolução de 1910, os povos indígenas são ignorados pelos governantes mexicanos. A necessidade de terras e meios para que a população rural pudesse se sustentar foram negados ao longo de todos estes anos, e a marginalização desta classe da sociedade mexicana mostra-se evidente nos dias de hoje. Surge, portanto, dentro de um contexto extremamente desfavorável para os indígenas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Apoiado sobre a argumentação de que os povos indígenas deveriam ser respeitados, conseguiu aos poucos transformar o movimento local em um plano mexicano de melhoria da qualidade de vida da população dentro de um contexto democrático.

Por um lado, é surpreendente, como assinala Enrique Florescano, que: “*A falta de um projeto nacional que inclua as necessidades do mundo indígena venha desde a época dos liberais e dos conservadores. (...) Somente uma sociedade enferma se dá conta de seus severos problemas quando há pessoas mortas envolvidas.*”²

¹ *Atenção*, ano 2, n. 8, São Paulo, Página Aberta, 1966, p.41

² FLORESCANO, Enrique. *Etnia, Estado e Nação*. Editora Aguilar. 1996

A partir do surgimento do grupo, diversos trabalhos foram feitos abordando a sua criação, a guerrilha em si ou o seu personagem principal: o enigmático Subcomandante Marcos.

A presença do grupo nas florestas e montanhas de Chiapas, o aparecimento arrasador através das armas, mas principalmente, o uso dos passa-montanhas encobrendo os rostos de seus integrantes surtiram efeitos diversificados não só na mídia mexicana, mas em todos os cantos do planeta. As figuras enigmáticas com os rostos cobertos nos apresentam um povo sem face para as leis de comércio vigentes, sem face para o abandono implantado durante todo o século XX, mas acima de tudo, um grupo guerrilheiro que tenta demonstrar uma união que é fundamental para as decisões. Vale ressaltar que Marcos, não passa de um subcomandante, e assim como todos, mantém seu rosto coberto. Isso significa que ele não é um comandante berrando ordens, mas um subcomandante, um canal para a vontade dos conselhos. As primeiras palavras que pronunciou em sua nova persona foram: “Através de mim fala a vontade do Exército Zapatista de Libertação Nacional.” Depois de subjugar a si mesmo, Marcos disse àqueles que o procuravam que ele não era um líder, e que sua máscara preta era um espelho, refletindo cada uma de suas lutas; que um zapatista é qualquer pessoa, em qualquer lugar que lute contra a injustiça: “Nós somos você”. A frase mais famosa foi dita a um repórter e apresentada no livro de Naomi Klein: “Marcos é gay em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, um chicano em San Ysidro, um anarquista na Espanha, um palestino em Israel, um maia nas ruas de San Cristobal, um judeu na Alemanha, um cigano na Polônia, um mohawk em Quebec, um pacifista na Bósnia, uma mulher solteira no metrô às dez da noite, um camponês sem terra, um membro de gangue nas favelas, um trabalhador desempregado, um estudante infeliz e, é claro, um zapatista nas montanhas.”³

Desde seu surgimento, o movimento preserva uma característica: a divulgação mundial. A presença marcante de texto informativos na internet fez do movimento não apenas um fato local, mas uma situação que é estudada por diversos sociólogos e historiadores do resto do mundo. Em breves palavras, o discurso zapatista parece buscar um interlocutor múltiplo e dirigir-se, alternativa ou simultaneamente, a uma grande quantidade de públicos, potencialmente atores. O fato mesmo de se denominarem de zapatistas e de revolucionários é, por si, uma mensagem a todos os camponeses e a todos mexicanos, visto que, no subconsciente coletivo e na educação sentimental dos mexicanos, todos se sentem “zapatistas” e são “revolucionários”. O discurso não se descuida do interlocutor mais longínquo – o índio – nem das forças progressistas do mundo, nem dos jornalistas e dos meios de comunicação do México e dos outros países, nem dos intelectuais, por mais sofisticados que estes sejam. Àqueles, fala-se em seu próprio idioma e nele escuta-se, e a estes, enviam-se mensagens com

³ KLEIN, Naomi. *Cercas e Janelas, Na linha de frente do debate sobre globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003

citações em inglês e até em francês, e com correções na pronúncia do castelhano e convites ao bem falar e escrever do que eles mesmos dão provas.

Os zapatistas mostram que dominam dialetos, línguas e expressões. O discurso de comunicação múltipla, ou o enfocado ou “focalizado” em público especial, aumentam sua capacidade persuasiva com o manejo multidimensional da razão, do entendimento e do juízo e com a expressão das formas de pensar em estilos que não são pomposos nem contudentes.

Mas do que é feito o Zapatismo? A partir de qual momento o grupo deixa de utilizar a luta armada e passa a se diluir no campo extremamente complexo e frutífero das novas tecnologias de comunicação em massa? Como diria o Michel Löwy: “é movimento portador de magia, mitos e utopia; de poesia, romantismo e esperanças loucas”.⁴

Como o próprio Löwy salientou, o zapatismo seria como um tapete tecido com fios de diferentes cores, antigos e novos. O primeiro fio, a primeira tradição é o guevarismo, o marxismo na sua forma revolucionária latino-americana. O primeiro núcleo do EZLN era *guevarista*. É claro, a evolução do movimento o conduziu para muito longe desta origem, mas a insurreição de janeiro de 1994, bem como o próprio espírito do Exército Zapatista guarda alguma coisa desta herança: a importância da luta armada, a ligação orgânica entre os combatentes e o campesinato, o fuzil como expressão material da desconfiança dos explorados frente a seus opressores, a disposição a arriscar sua vida pela emancipação de seus irmãos. Estamos longe da aventura boliviana de 1967, mas perto da ética revolucionária tal como o Che a encarnava.

O segundo fio, o mais direto sem dúvida, é evidentemente a herança de *Emiliano Zapata*. É simultaneamente a sublevação dos camponeses e índios, o Exército do Sul como exército de massas, a luta intransigente contra os poderosos que não pretende se apoderar do poder, o programa agrário de redistribuição das terras, a organização comunitária da vida camponesa (aquilo de Adolfo Gilly chamou “a comuna de Morelos”⁵). Mas é também Zapata o internacionalista, que saldou, numa célebre carta de fevereiro de 1918, a Revolução Russa, insistindo sobre “a visível analogia, o paralelismo evidente, a absoluta paridade” entre aquela e a revolução agrária no México: “uma e outra são dirigidas contra o que Tolstoi chamava ‘o grande crime’, contra a infame usurpação da terra, que, sendo propriedade de todos, como o fogo e o ar, foi monopolizada por alguns poderosos, sustentados pela força dos exércitos e pelas iniquidades das leis”.

A teologia da libertação é um fio do qual os zapatistas não falam muito. Entretanto, sem o trabalho de conscientização das comunidades indígenas, e a auto-organização visando lutar

⁴ LOWY, Michel. *Michel Löwy procura explicar o zapatismo*. Disponível em: <http://www.inf.furb.br/~massao/zapatistas.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2002 – retirado do jornal “Em tempo” – emtempo@ax.apc.org.

⁵ GILLY, Adolfo. *The Mexican Revolution*. Chicago: NLB, 1983.

por seus direitos, promovido por Monsenhor Ruiz e seus meios catequistas, depois dos anos 70, é difícil imaginar que o movimento zapatista teria tido tal impacto em Chiapas. Claro, este trabalho não tinha vocação revolucionária e recusava toda ação violenta. A dinâmica do EZLN seria bem diferente. Mas isso não impede que, na base, nas comunidades indígenas, muitos zapatistas -- e não os menores -- tenham sido formados pela teologia da libertação, por uma fé religiosa que escolheu o engajamento pela auto-emancipação dos pobres.

Depois de 1968 — que no México terminou com o sacrifício de Tlatelolco —, os líderes estudantis que sobreviveram ao massacre seguiram muitos caminhos: uns ingressaram no sistema, ou o sistema os cooptou; outros organizaram movimentos sociais urbanos e bairros populares; outros contribuíram para formar partidos políticos, como o PRD (Partido da Revolução Democrática), o maior partido de esquerda da história do México; outros ajudaram a formar movimentos camponeses ou foram participar das guerrilhas de Sonora, Chihuahua e Guerrero. Na ideologia dos antigos estudantes, havia um elemento comum: lutar por uma democracia em que o povo trabalhador e explorado tomasse as decisões por si mesmo, e pelo fim do sistema repressivo, autoritário e excludente vigente no México.

Em Chiapas, em meados dos anos 70, os antigos sobreviventes de 1968 começaram a chegar. Integraram-se nas organizações populares, "ajudando-as a organizarem-se e a adquirirem uma maior consciência para levar adiante suas lutas". É a partir desta interação entre membros sobreviventes de 68 e as organizações indígenas que surge o EZLN.

Quando do surgimento, em 1994, o grupo apresentava-se com armas, o que os levou a mudar esta tática? Certo que os plebiscitos, que salientaram a opinião da população mexicana de forma contrária a luta armada, foram de extrema importância. Mas, quando o EZLN começa a interagir diretamente com os meios televisivos e a internet, seu campo de atuação acentua-se de forma a modificar totalmente o cenário da guerrilha. O grupo se organiza e de forma muito eficiente consegue transmitir aos diversos lugares o dia a dia, a postura, as declarações, dificuldades e vitórias e, além disso, começam a enfatizar a importância da divulgação da cultura indígena Maia. É através de vários interlocutores, sejam eles comandantes, subcomandante ou qualquer membro do grupo, que podemos adentrar nesta atmosfera de luta sim, porem recheada de magia e esperança dos povos indígenas de Chiapas.

Ao analisarmos as diversas formas de interação do Exército através dos meios de comunicação podemos dar uma grande ênfase ao uso da internet. Revolucionária por si só, responsável por uma maior liberdade de expressão das pessoas contra as grandes corporações, a internet abriu um leque de possibilidades até então inacessível quando se pensa no espaço da televisão. É através do site oficial e diversos outros que juntos, montam uma rede de comunicação, que uma pessoa de qualquer lugar do planeta consegue não só ficar sabendo das novidades, mas também interagir com o grupo. A internet desta forma, não serve apenas como tablóide de noticiários diários, ela apresenta sim, possibilidades de

discussão, um campo de crescimento e diálogo capaz de captação de apoio político, financeiro e moral.

A Rádio Insurgente transmite diretamente da Selva Lacandona e presenteia o ouvinte com músicas dos próprios indígenas de Chiapas. Dentro de seu site é possível ter acesso às letras e comprar os discos. Isso soa estranho se pararmos para pensar que estamos falando de um grupo guerrilheiro. Entretanto falamos de um grupo que usa das armas de divulgação dentro de um meio capitalista como forma de extravasar sua voz. Essas canções apresentam letras repletas de sonhos que vivenciam no dia a dia dos indígenas de Chiapas e ao serem levadas pelas ondas do rádio, espalham a esperança para os povos distantes. São vozes que clamam por melhores dias, são vozes que gritam contra a desigualdade, são vozes que dizem Ya Basta!

Essa voz, que antes se mostrara abafada, toma ressonância através das páginas da grande rede, dos versos das músicas, nos livros publicados em todos os lugares do planeta e inclusive nos contos infantis. Através de personagens destinados às crianças, Marcos consegue levar não só as necessidades e dificuldades dos povos indígenas, mas também, apresentar a cultura dos antepassados Maias e seus contos sobre a criação, elementos e relações dos homens. Essa interação com as crianças mostrou-se presente inclusive na caravana que o EZLN fez em protesto até Cidade do México. Conhecida pela mídia como ZAPATUR, Em 24 de fevereiro de 2001, o subcomandante Marcos e todos os 23 comandantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) saíram da selva Lacandona, onde vivem, e reuniram-se na cidade mexicana de San Cristóbal de Las Casas. Era o início da viagem que fizeram até o Distrito Federal para pressionar o governo a cumprir os três sinais exigidos para iniciar o processo de paz. Um mês depois, Marcos e todos os comandantes haviam voltado à selva. Mas o México jamais voltará a ignorar seus índios como fez antes.

Um dia depois da posse do presidente Vicente Fox, no dia 2 de janeiro, o subcomandante Marcos deu uma entrevista coletiva na aldeia de La Realidad dizendo que, para reiniciar o processo de paz, o novo governo teria que dar três sinais de que estava realmente interessado nisso. As três exigências do EZLN foram: a retirada das tropas federais de sete comunidades indígenas, a libertação de todos os presos políticos zapatistas e a aprovação do tratado de San Andrés, um documento criado pelo próprio governo na primeira tentativa de negociar a paz. Esse documento reconhece os indígenas como povo e sua cultura como legítima. Na época, serviu apenas para mostrar à comunidade internacional que o México estava avançando na negociação da paz, que ainda não saiu do papel.

À primeira vista parece ser muito simples o que se exige do governo mexicano. Fox, entretanto, tem dificuldades para cumprir os três sinais. O exército, acostumado aos 71 anos de governo do PRI, não quis deixar tão facilmente as bases implantadas na selva Lacandona. Principalmente as três bases estratégicas das sete exigidas, entre as mais de 200 que havia.

Existiam mais de 100 presos políticos quando Marcos deu sua coletiva. A Justiça, também no México, é lenta quando não há ninguém rico envolvido. O mais difícil, porém, é a aprovação do tratado de San Andrés. Ele reconhece que os indígenas têm direitos, o que diminuiria muito o poder dos latifundiários de Chiapas. A saída que Fox encontrou, pelo menos durante um tempo, foi fazer justamente o que ele mais sabe: marketing.

Vicente Fox foi presidente da filial mexicana da Coca-Cola antes de assumir o governo. Enquanto conseguiu, foi levando a opinião pública a acreditar que estava batalhando pela paz sem mudar muito a situação. Libertou alguns presos e determinou a saída do exército de três pontos da selva. Nada mais. Mesmo assim, o capital estrangeiro começou a acreditar de novo no México e os jornais não se cansaram de proclamar Fox como um verdadeiro pacifista.

Emilio Gennari, tradutor dos comunicados de Marcos para o Brasil, diz que "o problema é que as pessoas votaram, elegeram Fox e sentiram que tiveram participação no processo de abertura da democracia. Agora as pessoas querem continuar participando. O que Fox gostaria é que elas voltassem para casa e o deixassem governar em paz; mas a sociedade civil não quer fazer isso. O desafio de Fox é manter viva a esperança dos cidadãos de continuar participando de uma real democracia".

Por isso houve tanta publicidade, para que as pessoas pensassem que não precisavam participar, já que Fox cuidava de tudo. A caravana até a capital federal arruinou a propaganda foxista. O subcomandante Marcos, que é quem escreve os textos dos comunicados zapatistas que chegam por correio eletrônico para o mundo inteiro, soube também utilizar a mídia da melhor maneira possível para atingir seus fins. Os maiores jornais do mundo noticiaram a saída dele e dos comandantes zapatistas da selva Lacandona. O apoio da população mexicana à luta indígena chegou a 80%.

Um dos objetivos dos comandantes era entrar na Câmara dos Deputados e falar na plenária, para pressionar a aprovação do tratado indígena. Houve muita discussão porque os mais conservadores não queriam deixar discursar pessoas encarapuçadas, que não se identificavam. O passa-montanha, nome em espanhol dos capuzes de alpinistas, além de ser hoje a grande marca zapatista, impede que seus líderes sofram ameaças.

Mas o governo foi obrigado a ceder e eles conseguiram. No dia 16 de abril, a comandante Esther falou para os parlamentares e dezenas de repórteres de todo o mundo. Essa foi a maior cartada de publicidade depois do próprio surgimento do exército zapatista. Por conta da caravana vitoriosa, hoje a situação dos 10% da população do país caminha numa direção melhor.

Há uma lenda indígena mexicana que conta a história dos homens de milho. Os deuses criaram, primeiro, homens de ouro. Esses eram muito fortes mas, pesados, eram preguiçosos e não trabalhavam. Os deuses criaram então homens de madeira. Esses trabalhavam muito, mas começaram a ser explorados pelos homens de ouro, que os obrigavam a carregá-los nas

costas. Os deuses criaram então os homens de milho, que vieram e libertaram os homens de madeira da tirania dos homens de ouro. Segundo a lenda, os índios eram os homens de madeira, e os homens de milho nunca chegaram. Talvez os zapatistas, homens sem rosto, preencham essa lacuna.

Durante a caravana, várias cidades foram percorridas e em cada uma, o grupo conduzia a palavra através de declarações. As crianças não eram esquecidas, e através de Dom Durito de Lacandona (pilhas inclusas), tomavam conhecimento dos fatos ocorridos com os povos indígenas. Dom Durito não passa de um personagem imaginário, um besouro de brinquedo, que através da voz de Marcos ganha vida e procura explicar através de contos, as causas do movimento, a postura e a importância para a nação da presença Zapatista. Povo a o pensamento das crianças, e mais do que isso, penetra e conduz um fio de esperança na juventude que irá conduzir uma mudança lenta, porém permanente.

As posturas do grupo perante o público infanto-juvenil mostram a preocupação em se fazer um movimento concreto e duradouro. Ao se aplicar a realidade às crianças, o grupo deixa de lado a proposta de se tentar a mudança através da forma mais rápida e nem sempre eficaz, as armas. Marcos diz que são as crianças que representam a maior vitória, pois através delas o grupo tem certeza de um futuro consciente e melhor. Esta proposta inovadora se apresenta como uma alternativa de combate às grandes corporações em prol da reforma agrária e melhoria para o povo do campo. Entretanto é cedo para falarmos sobre possibilidades. O que se pode salientar é o quão importante a postura do grupo representa, não apenas para o movimento em Chiapas, mas para toda a população, no que concerne a uma visão das coisas, uma visão que necessariamente não é representada pelas grandes empresas da mídia, e mais do que isso, não se estagne na captação de dados jornalísticos, mas produz uma visão, uma história, um pensamento e um sentimento.

Vários grupos musicais, dentre eles o norte-americano Rage Against the Machine tornaram-se adeptos e propagandistas do EZLN. Essa divulgação serve como conscientização dos ocorridos em Chiapas principalmente para os adolescentes. As Universidades Mexicanas como a UNAM (Universidade Autônoma do México) e a Universidade Panamericana mantêm grupos de estudos sobre os zapatistas e muitos estudantes apóiam a causa da guerrilha.

Quando os índios de Chiapas deixam de usar suas armas e apontam para uma proposta diferente, no caso, o uso da divulgação em massa, eles conseguem um capital simbólico que antes não possuíam. Este capital simbólico explicitado por Pierre Bourdieu, que o EZLN adquiriu conduz os integrantes do grupo à possibilidade de dialogar de forma igual com os meios de comunicação. Necessariamente, o grupo consegue romper as algemas que prendiam sua história à divulgação feita pelas grandes empresas televisivas. Isso significa que o grupo consegue se abastecer de um capital que possibilita criar videologias, imagens e imaginários.

É neste processo que o grupo consegue utilizar outro trunfo presente nas suas entrelinhas: ZAPATA. O grande general e líder dos camponeses na Revolução Mexicana de 1910 é idolatrado pela população Mexicana. O mito de Emiliano Zapata transcorre tempos e espaços podendo ser encontrado inclusive dentro da religião Maia, onde se transformou em um semi-deus pagão chamado Votán-Zapata⁶. Sobre seu cavalo branco ele é visto a cruzar as montanhas levando a esperança para a população desprestigiada. Mas, como o grupo pode se utilizar da figura de Zapata?

Ao tratarmos sobre a identidade de um povo, não podemos deixar de analisar suas características explícitas em um líder, um herói, um mito. A importância destes personagens influencia a ponto de marcar toda uma estrutura, um pensamento e em diversas vezes um sonho que leva pessoas a confiarem e acreditarem em objetivos e metas.

O Exército Zapatista mostra-nos características que ao mesmo tempo em que se aproxima do mito convencional, se distancia pela proporção, quantidade, característica e o processo como este “salvador” se insere dentro de um contexto encharcado de conflitos, ideologias e imaginários. O mais importante é saber que os Zapatistas nos fornecem material mitológico que não tinha nada a ver com o tradicional fetichismo terceiro mundista. Marcos não é sequer um líder heróico, ele é apenas um porta-voz e um 'subcomandante', o que também implica uma interessante abordagem sobre os mitos: de acordo com uma lenda popular no México, Emiliano Zapata ainda está vivo e anda em seu cavalo em algum lugar, nas montanhas e nas florestas. Os zapatistas contemporâneos são capazes de se comunicar com a sociedade a partir de uma intersecção entre o folclore e a cultura pop. Em certo sentido, o verdadeiro Comandante ainda é Zapata. Era como se fosse dito: 'Não ligue para mim, eu não sou seu herói mascarado, nossa revolução é impessoal, ela é nova, mas é também a mesma revolução de sempre, Zapata ainda cavalga'. Esse é o significado real do passa-montanhas: a revolução não tem rosto, todos podem ser um Zapatista, todos somos Marcos.

Em uma entrevista, Enrique Florescano disse: “Em quase todos os países da América Latina agora há um interesse muito forte por reconstruir a memória coletiva, não as histórias oficiais ou as interpretações profissionais feitas por historiadores. Interessa o que poderíamos chamar de imaginário coletivo que abarca os mitos, a festa cívica, a festa popular, as devoções tradicionais, os heróis, ainda que sejam fictícios.” Não é que se aceite que os mitos são certo ou que os mitos são tão fortes como um fato efetivo. Mas têm uma característica: são crenças coletivas compartilhadas. Portanto, são quase como fatos reais porque as pessoas os tomam assim. Alguém pode dizer que são falsos, mas as pessoas crêem neles. Então, alguém, como

⁶ ARELLANO, Alejandro Buenrostro y. *As raízes do fenômeno Chiapas*. o já basta da resistência Zapatista. São Paulo, Alfarrábio, 2002.

historiador de grupos e mentalidades coletivas, tem que levar em consideração essas crenças para explicar a ação, a força, a direção dos movimentos populares.

Dentro do EZLN, não vemos apenas a presença do Subcomandante Marcos e Zapata, podemos ainda constatar a presença do Velho Antônio. O velho Antônio seria sido um senhor zapatista que vivera junto ao grupo no início de sua formação. Conhecedor da Selva e praticamente um sábio indígena, o velho Antônio guiava e aconselhava a todos. A importância desta pessoa a ponto de seu nome ser constantemente recordado através de histórias e contos, é que este, tornou-se praticamente o mestre responsável pelo ensinamento do subcomandante Marcos. É ele que transforma a visão de Marcos, o seu pensamento político influenciado por posturas Marxistas e o modo de sua postura política para uma adaptação ao modo como os índios viviam, diz Marcos que a partir deste momento, é que ele conseguira entender a importância da causa Zapatista.

O argumento mais poderoso em favor do Mito, da lenda ou das imagens coletivas como testemunhos válidos da representação do passado, é que, apesar do largo tempo transcorrido desde a primeira vez em que praticantes da história escrita, hoje essas expressões da memória coletiva seguem vivas, e para muitos povos são o instrumento mais idôneo para recordar seu passado e manter sua identidade no presente. No caso do México, esses testemunhos são particularmente importantes porque, desde os tempos mais antigos até a presente data, têm sido o principal instrumento para conservar, reconstruir e difundir a memória dos fatos passados entre os povos indígenas, a população rural e os grupos populares urbanos, quer dizer, têm sido veículo privilegiado para recriar a memória histórica da maioria da população.

Dentre os chamados mitos messiânicos, que datam do início da conquista do México, podemos perceber características que dificilmente foge da presença de um líder que diz que vai mudar o mundo, vai derrotar os que estão em cima e vai pôr em seu lugar os humildes, os pobres, os oprimidos. Esses movimentos e essas idéias míticas tinham uma característica: fossem eles índios de Yucatán, de Chiapas, de Oaxaca ou do norte do México, todos diziam que iam derrotar os espanhóis, expulsá-los de sua terra, e então eles ocuparam o lugar dos dominadores. Propunham o regresso a um tempo mítico anterior, que era um tempo idealizado, no qual iam viver com seus compatriotas indígenas e com seus ancestrais ressuscitados. Iam criar um reino de índios governado por índios, com costumes índios. Era a volta à identidade primogênita.

Enrique Florescano nos diz que o movimento zapatista não possui estas características. Em parte a sua colocação torna-se verdadeira, uma vez que pela primeira pode-se perceber uma proposta para o futuro, não para voltar atrás. E ao contrário desses movimentos, que eram locais e nunca ultrapassaram o território étnico, o zapatista atual é

um movimento político que praticamente aspira a ser nacional. Mas Florescano esquece-se da presença mítica de Emiliano Zapata. A presença do herói da Revolução Mexicana juntamente com Pancho Villa, permanece no imaginário tanto dos Zapatistas quanto de todo o povo mexicano. Ao se associar o nome Zapatista ao movimento, imediatamente posiciona a presença do grande general na liderança dos povos excluídos na sua eterna luta por justiça. O movimento pode-se então, como diz Florescano, caracterizar-se por uma postura nacional e com propostas para o futuro, mas ao mesmo tempo, procura no passado, forças para uma argumentação ideológica que surtiria efeito não apenas dentro dos integrantes Zapatista, mas em toda a comunidade Mexicana. Apoiado no mesmo ideal de Zapata que dizia: "A terra é de quem nela trabalha", os indígenas de Chiapas procuram, além dos direitos constitucionais quanto as suas particularidades e características culturais, dar uma continuidade na inacabada Reforma Agrária lutada por Zapata.

Os mitos políticos de nossas sociedade contemporâneas não se diferenciam muito, sob esse aspecto, dos grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais. A mesma e essencial fluidez os caracteriza, ao mesmo tempo que a imprecisão de seus respectivos contornos. Imbricam-se, interpenetram-se, perdem-se por vezes um no outro. Uma rede ao mesmo tempo sutil e poderosa de liames de complementaridade não cessa de manter entre eles passagens, transições e interferências. A nostalgia das idades de ouro findas desemboca geralmente na espera e na pregação profética de sua ressurreição. É bem raro, inversamente, que os messiânicos revolucionários não alimentem sua visão do futuro com imagens ou referências tiradas do passado. O passo é rapidamente dado, por outro lado, da denúncia dos complôs maléficos ao apelo ao Salvador, ao chefe redentor; é a este que se acha reservada a tarefa de livrar a Cidade das forças perniciosas que pretendem estender sobre ela sua dominação. Girardet diz que do mesmo modo que o mito religioso, o mito político aparece como fundamentalmente polimorfo: é preciso entender com isso que uma mesma série de imagens oníricas pode encontrar-se veiculada por mitos aparentemente os mais diversos; é preciso igualmente entender que um mesmo mito é suscetível de oferecer múltiplas ressonâncias e não menos numerosas significações.⁷

Consistindo não apenas de uma forma de organização política diferente das presentes na história, pois não almeja o poder, o EZLN apresenta a sociedade uma variedade de mitos, heróis e salvadores de um povo humilhado a tantas épocas. A presença, portanto, não só ajuda como incentivo na luta pelos direitos requisitados, como também auxilia na interação com a sociedade Mexicana que, se simpatiza com o movimento dando mais expressão a suas iniciativas

⁷ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo. Cia das Letras. 1987.

Conflito e consenso, guerra e negociação, enfrentamento e diálogo, rupturas e tréguas, desacordos e pactos com governos e proprietários, tudo isso submete à prova as hipóteses ou projetos para avançar, aprofundar e ampliar os sucessos com os integrantes do movimento, ou que com ele simpatizam, com os que resistem, com os que observam. A todos, pede-se que se organizem em torno de uma esperança ou contra seu próprio temor. E que alcancem pela paz o que eles talvez não conseguissem alcançar pela guerra. Nem sequer lhes pedem que se não o lograram pela paz, tentem pela guerra. Seu chamado ao resto do país é para que se dê conta de que se houver luta, uma luta na qual eles não estejam sós e que os povos estejam lutando juntos pela democracia com justiça e dignidade, poder-se-á alcançar, pela paz, o que, de outro modo, seria inalcançável pela guerra ou pela paz.